

Educação Física na EJA: uma experiência Ginástica no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

Jacqueline Cristina Jesus Martins
CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano

A experiência aqui relatada refere-se ao trabalho desenvolvido com as turmas de módulos 1 e 2 ou etapa de alfabetização e etapa básica, dos períodos da manhã e tarde no ano de 2015. As aulas de Educação Física acontecem uma vez por semana dentro do período de aula das turmas, pois em busca de atender aos anseios e interesses dos estudantes que solicitaram a presença da Educação Física na escola, ofertar as aulas do componente curricular no contraturno impossibilitaria o direito dos alunos de participarem das aulas. Convém lembrar que o tempo de permanência dos estudantes na escola é reduzido por diferentes razões.

Compunham as turmas: aposentados, donas de casa, adultos trabalhadores, jovens recém-chegados de outros estados do país, jovens em situação de abrigo, jovens, adultos e idosos com deficiência. Tínhamos pessoas com deficiência auditiva, deficiência motora (dois usuários de cadeira de rodas), deficiência intelectual e deficiência múltipla.

É importante relatar que sou professora-supervisora do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e que durante a realização do trabalho atuaram junto comigo três bolsistas no período da manhã e dois bolsistas no período da tarde. Todos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e participam do subprojeto: *O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas*.

Para selecionar o tema a ser estudado, realizamos um mapeamento das práticas corporais dos estudantes, dos interesses dos grupos e das condições de realização dessas práticas no contexto escolar. Foi importante saber tanto que alguns vinham diretamente do trabalho quanto que outros faziam o inverso, ou seja, saíam da aula e seguiam para o trabalho. Havia mães e avós que muitas vezes precisaram trazer seus filhos ou netos para que pudessem frequentar as aulas. Tínhamos também adultos e idosos que estavam adentrando na escola pela primeira vez, portanto, tendo as suas primeiras vivências escolares, enquanto outros jovens e adultos estavam retornando à escola após experiências malsucedidas. Um olhar mais atento às questões de cada um dos educandos é importante para que

possamos proporcionar-lhes novas experiências com o espaço escolar, valorizando as suas participações e tentando romper com as dificuldades que surgem durante o percurso escolar.

O CIEJA está alocado em uma casa adaptada para receber a escola, seus espaços são reduzidos e não existe quadra para a prática das aulas de Educação Física e nem um pátio que comporte a realização das aulas de EF. As aulas acontecem no espaço da rua em frente à escola, visto que é uma rua com um menor tráfego de carros, colocamos os cones e realizamos as aulas ali mesmo. Porém a rua está à margem da Rodovia Raposo Tavares, que possui um trânsito intenso, e para algumas atividades são necessários certos cuidados por conta da proximidade da Rodovia e dos carros que circulam na outra rua em frente a escola. Também utilizamos as salas de aula, sala de informática para a realização das nossas aulas.

A primeira representação que precisou ser desconstruída ligava as aulas de Educação Física a certo tipo de vestimentas. Recordando que alguns estudantes vêm do ou vão para o trabalho, isso acarreta no uso de uniformes ou mesmo de roupas inadequadas à prática de atividades físicas. Outro fato presente nas turmas é o uso de saias por algumas mulheres por questões religiosas. Como lidar com isso durante as aulas de Educação Física? Essa foi uma das questões que nos fizeram pensar: Como contribuir na formação desse estudante? E a resposta foi a que deveríamos pensar novas oportunidades de participação nas aulas, contribuindo de fato para a sua integração e formação.

Para iniciar o trabalho, em uma conversa com as turmas, levantamos quais eram as práticas corporais que cada um deles realizava ou conhecia, quais eram os espaços disponíveis para isso no entorno das suas residências e quais eram os interesses e expectativas que possuíam a respeito das aulas de Educação Física. Alguns estudantes, principalmente as mulheres e os mais velhos apresentaram que já haviam participado ou que participam de grupos de ginástica em locais perto de suas residências como mercados, associações de bairro, CEUs, clubes e academias. Algumas senhoras também se recordavam do tempo de juventude e relatavam as danças como uma prática que gostavam, muitas vezes se referindo aos bailes que frequentavam com certo saudosismo. Alguns adultos disseram que não tinham muito tempo para a realização dessas práticas, pois trabalhavam muito enquanto outros se remeteram ao seu tempo de escola, onde praticavam alguns esportes nas aulas de educação física. Um homem adulto apresentou que pratica

corrida, e que costuma ir para a escola e para o seu trabalho correndo. Já os mais jovens apontaram a realização de algumas práticas esportivas, na maioria das vezes o futebol, alguns já haviam treinado e outros apenas por lazer e diversão nas ruas e espaços públicos. Dentre os alunos com deficiência que compunham o grupo, uma estudante frequentava academia, uma praticava capoeira e faz natação e um estava participando de aulas de hidroginástica. Essas informações foram registradas no diário da professora e utilizadas para as tomadas de decisões durante os encaminhamentos do trabalho.

A respeito das expectativas dos alunos sobre as aulas de Educação Física, há de se levar em consideração que os estudantes apresentam as suas expectativas das aulas a partir dos espaços disponíveis na escola. Muitas vezes ao apresentar os seus desejos, eles já iniciavam suas falas apontando o problema da falta de espaço adequado. Ao relatar sobre o seu interesse sobre a prática esportiva, uma estudante apresentou: “Pena que aqui na escola não dá, mas na minha época de escola eu gostava muito de jogar handebol.” E em outras falas foram observadas essa relação com os espaços da escola. Por esse motivo, acredito que os resultados dessas conversas se encaminharam na direção das práticas ginásticas, visto que essas eram as práticas possíveis de serem feitas nos espaços que a escola nos oferece.

Já as expectativas sobre as aulas de Educação Física se apresentavam com um olhar utilitário sobre as aulas, ou seja, eles esperavam eventuais benefícios das aulas como a melhoria da flexibilidade, o emagrecimento e o relaxamento. Não haviam expectativas de adquirirem novos conhecimentos sobre as práticas corporais.

Foi interessante notar que os alunos apresentavam alguns conhecimentos sobre as práticas ginásticas, quase sempre mostraram movimentos ou explicaram como aconteciam as aulas nos locais que eles frequentavam. Mas também foi possível notar uma grande curiosidade sobre as práticas ginásticas, muitos estudantes ao apresentar um movimento perguntava qual a finalidade daquele exercício.

A partir dessas observações, selecionamos as ginásticas como tema do primeiro semestre de 2015. Em seguida, selecionamos como objetivos gerais de aprendizagem: ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito das práticas ginásticas; e como objetivos específicos: reconhecer as diferentes práticas de ginásticas veiculadas pelos meios de comunicação,

identificando as características principais de cada uma dessas modalidades; criar novas formas de se praticar as ginásticas de acordo com as características do grupo; e reconhecer os espaços públicos como possibilidade de realização das práticas ginásticas.

Nas primeiras aulas, vivências de exercícios de flexibilidade, força, equilíbrio e resistência constituíram-se nas primeiras experiências dos estudantes com as diferentes formas de se praticar as ginásticas na escola. Durante a realização dessas aulas, diálogos com os estudantes mostraram-se ações essenciais para que houvesse uma aprendizagem a respeito dessas práticas. Explicações, curiosidades, nomes de músculos, nomes de aparelhos, entre outros conhecimentos, demonstraram para os educandos que as atividades ali propostas não eram apenas um momento de recreação ou uma proposta de ginástica laboral, mas sim um momento de aprendizagem, de conhecermos mais e melhor sobre as ginásticas, seus sentidos e significados. Nessas aulas procuramos oportunizar diferentes tipos de vivências. Atividades individuais, em duplas, em grupos, com materiais, sem materiais, apenas na sala de aula, usando o espaço interno da escola, a rua o quarteirão inteiro. Assim conseguimos possibilitar uma maior gama de vivências, e que ajudasse a compreendermos melhor aquela proposta de aula. Em alguns momentos, o espaço das aulas são prejudicados pelas disposições dos carros estacionados na rua, ou das questões climáticas como chuva, muito sol, muito frio, mas isso não impede que a aula ocorra, apenas que tenhamos que nos reorganizar para a atividade planejada.

Durante todas as nossas ações didáticas, fomos apresentando aos estudantes quais eram os conteúdos que estudaríamos e os objetivos do trabalho proposto, aproveitávamos para mapear as demandas e interesses dos grupos através das observações do que aconteciam nas aulas, dos questionamentos dos alunos sobre o ocorrido nas aulas e também ao final de cada quando solicitávamos que avaliassem aquela aula. Era rotina das aulas finalizarmos as atividades retomando o que fora estudado naquela aula, os aspectos mais importantes e o que poderíamos pensar para o próximo encontro. Nesse momento da aula, os estudantes apresentavam dificuldades em relatar o que aprenderam, sempre falavam que a aula havia sido boa e pouco sugeriam para as aulas seguintes. Acreditamos que muito dessa postura do grupo se relacionava ao fato de os educandos terem poucas experiências, tanto com as aulas de Educação Física

quanto com as práticas ginásticas. Como naquele momento estavam conhecendo e experimentando situações novas, ainda tinham poucos elementos para avaliar ou contribuir com sugestões. É possível pensarmos também que essa postura de insegurança se dê pelas experiências escolares mal sucedidas daqueles que já frequentaram a escola e passaram por experiências que não valorizavam os seus conhecimentos e interesses, e isso lhes tragam uma insegurança ao se posicionarem sobre as aulas. Ou ainda pelos que não vivenciaram a escola, mas se apropriaram dos discursos proferidos sobre ela, onde fala é do professor e que na sua posição de estudante, ele deva apenas acatar as decisões dos professores.

Ao abordarmos as ginásticas em academias e clubes, conversamos sobre os testes e avaliações físicas que ali são feitas para que os professores verifiquem como os praticantes estão fisicamente e estabeleçam os objetivos a serem alcançados, bem como as atividades correspondentes para tanto.

Com a intenção de propormos algumas vivências diferentes que trouxessem novas experiências e novos saberes, planejamos, para a aula seguinte, a vivência de alguns testes físicos. Evidentemente, a intenção não era a mesma da avaliação física comumente realizada nos clubes e nas academias, mas sim de proporcionar aos estudantes essa vivência, com vistas à ampliação dos conhecimentos que envolvem as práticas ginásticas.

Para a realização da aula em que faríamos os testes, avisamos os educandos com antecedência e solicitamos que, na medida do possível, viessem com as roupas adequadas para a prática de atividade física.

Com um olhar atento às diferenças presentes nos grupos e às especificidades de cada uma das turmas, não seguimos nenhum protocolo a risca, adaptamos os testes à realidade dos nossos estudantes. Escolhemos alguns protocolos que pudessem ser adaptados para serem vivenciados pelos jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência. Para a realização dos testes, fizemos alterações de acordo com as possibilidades dos educandos, tentando garantir que cada um realizasse as atividades de acordo com as suas condições. Uma dessas mudanças, por exemplo, foi a oportunizar a escolha do peso para a realização do teste de força de membros superiores. A maioria das pessoas solicitou o que o teste indicava, 3kg para mulheres e 5kg para homens, porém aquelas pessoas que não se sentiram à vontade para utilizar essas cargas puderam alterá-las a seu critério, visto que se tratava de uma experimentação. Para isso disponibilizamos pesos de 1, 2, 3 e 5Kg e

cada estudante, antes de começar o teste experimentou o movimento com o peso que lhe garantia maior segurança. Ao iniciarmos a aula, explicamos qual o propósito da aula, e apresentamos cada um dos testes que seriam feitos. Informamos sobre as possibilidades de escolhas dos pesos, e das demais alterações que poderiam ser feitas para atender as necessidades de cada um. Também informamos que nessa aula, as atividades seriam realizadas individualmente, ou seja, um de cada vez, e que para isso os demais colaborariam aguardando e observando os colegas. Os registros dos testes foram realizados por nós, e digitados para posterior discussão com os estudantes.

Enquanto forma de registro para a avaliação do trabalho realizado, fotografamos e filmamos inúmeros momentos. Ao assistir os vídeos, ficamos muito satisfeitos com a participação de todos, avaliamos que a proposta permitia a inclusão sem qualquer discriminação. Ver idosos, pessoas com deficiência, jovens e adultos participando conjuntamente das atividades nos fez acreditar no trabalho e mostrou que era possível que as aulas acontecessem mesmo com tantas diferenças.

Como devolutiva dos testes realizados, apresentamos os resultados de cada um dos estudantes e conversamos sobre as diferenças constatadas. Coletivamente, pudemos atribuí-las à distinção de faixa etária, praticantes de atividades físicas e entre as pessoas que possuem limitações como tendinite, bursite e outros problemas articulares que interferiram no desempenho. Foi uma aula muito interessante, em que o reconhecimento das diferenças esteve presente o tempo todo. Porém é importante ressaltar que nem sempre são todos os alunos que falam, alguns ainda permanecem apenas respondendo quando solicitados, enquanto outros já se posicionam com mais frequência. É possível afirmarmos que alguns alunos já estão rompendo com a ideia de uma escola onde o estudante é um sujeito passivo.

Continuando os estudos das práticas ginásticas, uma das atividades que os estudantes mais se interessavam eram os exercícios de flexibilidade. Muitos passaram a relatar melhoras pessoais durante a execução dos alongamentos e também afirmavam que estavam realizando esses exercícios em casa. Para valorizar uma prática que possibilite a autonomia dos alunos, disponibilizamos uma folha com várias imagens de exercícios de alongamento para diferentes partes do corpo. O uso desse material também foi importante durante as aulas.

Uma dificuldade apresentada pelo grupo estava relacionada à memorização das atividades realizadas nas aulas anteriores. O mesmo acontecia nas atividades de leitura e escrita, e juntamente com as professoras das turmas, tratamos a questão como dificuldade de retenção dos conhecimentos e entendemos que pelas poucas vivências que esses educandos têm com essas atividades, essa retomada do que aconteceu nas aulas anteriores era importante para ajudar na aprendizagem dos temas trabalhados.

No início do trabalho, também observamos outra questão que estava presente durante as atividades em duplas. Muitas vezes, homens e mulheres não se sentiam à vontade para realizar atividades conjuntamente, principalmente atividades em que necessitavam dar as mãos, ou tocar o colega para massageá-lo, por exemplo. Em algumas falas femininas explicitavam-se as preocupações com o que outras pessoas diriam ou o que certos maridos pensariam se as vissem em duplas com os colegas. É necessário manter um olhar atento a essa questão, pois é sabido por nós do CIEJA, que algumas dessas mulheres encaram diariamente várias dificuldades para poderem estudar. Muitas vezes, para frequentar a escola, elas precisam enfrentar o machismo dentro da própria casa. Já ouvimos relatos que diziam, *“Meu marido me diz que não entende porque eu quero estudar, porque eu já sô casada, tenho filhos e que ele sustenta a casa!”*; *“Meu marido diz que eu venho para a escola para fugir do serviço da casa!”*. Portanto, sabendo dessas questões, e lembrando que as aulas aconteciam na rua, em frente a uma via em que trafegam muitos ônibus e carros, e que talvez essa situação pudesse gerar algum problema familiar para essas pessoas, não insistíamos para que as duplas fossem mistas, deixávamos os próprios estudantes se organizarem.

Dando prosseguimento aos estudos das ginásticas, as próximas ações didáticas abordariam os exercícios aeróbicos. Iniciamos falando sobre as caminhadas, mas no decorrer do trabalho alguns alunos apresentaram interesse pela corrida. Um dos estudantes costuma vir para a escola correndo e relatou que já havia participado de algumas provas, mas que pelos preços cobrados para a participação desses eventos ele não participava mais – quando são gratuitas, ele costuma participar. No início, o interesse pelas corridas foi apenas de um grupo de jovens e adultos homens, mas depois, algumas mulheres passaram a se interessar também.

É importante registrar que passado certo tempo, algumas mulheres que usavam saia por motivos religiosos começaram a frequentar as aulas com uma calça *legging* por baixo para que pudessem ter mais liberdade de movimentos, e outras pessoas compareciam usando roupas mais confortáveis, mesmo não sendo uma exigência para a participação.

No primeiro dia da vivência das corridas e caminhadas, apresentamos um monitor de frequência cardíaca e explicamos como funcionava, como se utilizava e solicitamos que algum estudante realizasse a atividade proposta sendo monitorado pelo aparelho. Caminhamos e corremos em volta do quarteirão da escola durante 12 minutos e ao retornarmos, ao fim da atividade, conversamos sobre as alterações que aconteceram nos corpos de cada um. Os estudantes com deficiência cumpriram o percurso menor, previamente marcado com cones na rua em frente à escola. Essa foi a maneira que encontramos para que esses estudantes tivessem os seus ritmos contemplados, isto é, pudessem correr e caminhar na sua velocidade e manter a segurança necessária, pois alguns alunos não conseguiriam dar a volta no quarteirão sozinhos com autonomia. Utilizando os dados apresentados pelo monitor, explicamos as diferenças entre as faixas etárias e entre pessoas treinadas e sedentárias.

Ao avaliarmos a atividade após a sua realização, acreditamos que foi uma boa forma de garantir que os estudantes com deficiência participassem da mesma forma que os demais, a adequação da atividade só foi necessária pelas dificuldades de espaço da escola, pois se tivéssemos uma quadra, eles conseguiriam realizar a tarefa assim como os colegas.

Em uma das turmas havia duas usuárias de cadeira de rodas, e ambas não conseguem conduzir as próprias cadeiras. Elas afirmaram que gostariam de participar da aula, então os bolsistas do PIBID que acompanhavam as aulas conduziram as cadeiras ao redor do quarteirão. Durante o percurso, foi possível notarmos o quanto as duas estavam gostando. Ambas possuem deficiência múltipla e pelos relatos das famílias, pouco saem de casa, devido à dificuldade de deslocamentos. Quando pensamos nessa atividade para os usuários de cadeira de rodas, imaginamos que não haveria muito sentido, pois não se conseguiria discutir com elas as alterações corporais, as sensações advindas do exercício, porém, ao ver os sorrisos estampando os rostos e perceber que para além do exercício, elas estavam se sentindo pertencentes ao grupo, constatamos que nem sempre a

atividade é recebida pelos estudantes com deficiência da forma que imaginamos. O que pensávamos ser sem sentido para elas, foi, na verdade, uma afirmação de pertencimento ao grupo.

O subtema exercícios aeróbicos incluiu, também, a realização de uma vivência com música. A atividade aconteceu dentro da própria sala de aula da escola. Afastamos as mesas e as cadeiras e partimos para as atividades. Os homens se sentiram um pouco envergonhados no início, mas logo se soltaram. Algumas mulheres relataram que já haviam participado de aulas de “aeróbica” em academias, CEUs¹ e clubes. Mesmo com as dificuldades espaciais, as aulas aconteceram de forma animada, e algumas falas como “*Dança direito que você consegue ficar forte!*”, suscitaram questionamentos: “*para que serve o exercício aeróbico?*”, “*Quais são os exercícios aeróbicos?*” O assunto havia sido tratado por ocasião das corridas e caminhadas, mas adotamos como princípio retomar as atividades para ajudá-los na compreensão das práticas estudadas. A partir daí, colocamos como ação didática importante apresentar em todo início de aula qual prática ginástica seria estudada e qual era a função de cada uma delas e, sempre ao final da aula, perguntar sobre o que havíamos realizado.

Para estudar as práticas de musculação e os exercícios de força, utilizamos alguns materiais disponíveis na escola como elástico de resistência, bastões, medicine ball, caneleiras com pesos, cadeiras, tapetes de ioga e bancos suecos.

Essas atividades foram de grande interesse para os grupos e as preocupações com emagrecimento, melhoria da aparência física, realização de atividades que ajudassem nas tarefas do dia-a-dia nortearam as aulas. Sempre que possível, tentamos relacionar as atividades da aula com as atividades cotidianas dos educandos. Logo nas primeiras vivências muitos alunos relataram terem sentido dores musculares nos dias seguintes. Essas falas abriram espaço para discutir o funcionamento do corpo durante os exercícios, os mecanismos de defesa durante a atividade física e os limites individuais.

Lembrando que um dos objetivos pensados para o trabalho era a ocupação dos espaços públicos, ou seja, que os alunos se sentissem mais seguros para utilizar os equipamentos públicos de lazer como praças, parques, clubes e CEUs próximos às suas residências, sugerimos a ida até uma praça situada nas

¹ Centro Educacional Unificado, instituição da Prefeitura Municipal de São Paulo.

proximidades da escola que possui aparelhos de ginástica. É importante relatar que durante o ano de 2014, realizamos algumas atividades com os estudantes onde fomos conhecer o entorno da escola e registramos quais eram os espaços disponíveis para a realização de práticas corporais no bairro. Essa praça também fica no caminho da maioria dos estudantes, pois está na margem da Rodovia Raposo Tavares, e é vista por todos que chegam ao CIEJA por ela. Apresentamos a proposta aos estudantes e como todos consideraram a ideia interessante, agendamos a atividade. No dia marcado, fomos caminhando até a praça, estabelecemos duplas para acompanhar os estudantes com deficiência e garantir uma maior segurança durante o trajeto. Notamos como os jovens e adultos mantiveram uma relação de cuidado e carinho com os colegas. Por ocasião da montagem das duplas, observamos que muitos adultos se prontificaram rapidamente e mantiveram um tratamento bem respeitoso. É importante relatar que os estudantes usuários de cadeiras de rodas não puderam participar da atividade, pois a praça e o próprio caminho não possuem acessibilidade.

Chegando ao local, apresentamos cada um dos aparelhos, explicamos a sua função e demonstramos como executar os movimentos. Em seguida, os estudantes revezaram-se nos equipamentos de tal modo que todos puderam experimentá-los. Retornamos à mesma praça algumas vezes. Certa ocasião aconteceu um episódio muito interessante. Tão logo chegamos, iniciamos a organização da atividade. Um senhor se aproximou e passou a questionar os estudantes sobre o que estavam fazendo ali, de onde vinham e solicitava que não quebrassem os aparelhos. Aproximei-me dele para ver o que estava acontecendo e, com um certo ar de superioridade, se apresentou como o “responsável pela praça”. Expliquei o que estávamos fazendo e que um dos objetivos do trabalho era que os estudantes tivessem autonomia para utilizarem os equipamentos das praças que existem na cidade. O senhor demonstrou não gostar da nossa presença e permaneceu observando o que fazíamos durante todo o tempo. O episódio nos levou a replanejar a próxima ação didática, quando discutimos o uso dos espaços públicos, se todos podem utilizá-los e se alguém tem o direito de impedir o uso pelos demais. Essa atividade foi muito proveitosa, pois ficamos surpresos com as relações que os estudantes fizeram e do quanto eles ficaram indignados com a postura do “Dono da Praça”, pois assim apelidamos aquele sujeito. Isso nos mostra o quanto o nosso olhar sobre aqueles estudantes estava equivocado. Ao se indignarem com o

acontecimento da praça eles se posicionaram firmemente contra o ocorrido, aquela posição passiva que ocorria durante as aulas não esteve presente. Isso nos ajuda a reforçar a ideia de que eles acreditam que na escola durante as aulas temos que ter certas posturas, mas que nos espaços da vida cotidiana podemos atuar com maior participação. Além de mostrar como nós professores temos representações equivocadas sobre os nossos estudantes.

Durante todo esse tempo, enquanto as atividades aconteciam, percebemos que algumas pessoas se referiam aos corpos dos colegas de uma maneira desrespeitosa, empregando termos como “gordo”, “magrelo”, “barrigudo” e “palitinho”. Também observamos que as pessoas que recebiam esses adjetivos não estavam se sentindo à vontade. É importante ressaltarmos que na concepção dos adultos que procediam dessa forma, não estavam fazendo nada de mais, nem tampouco notavam o incômodo dos colegas aos serem chamados dessa forma.

Para discutir a questão e problematizarmos o que estava acontecendo nas aulas, organizamos uma atividade didática na sala de informática, onde apresentamos imagens de diferentes corpos: altos, baixos, gordos, magros, musculosos, jovens, idosos, negros, brancos, asiáticos, tanto das mulheres como dos homens – enfim diferentes biótipos. As representações dos estudantes foram problematizadas com base nas seguintes questões: qual desses corpos (tanto masculino quanto o feminino) você acha mais bonito? Qual se assemelha mais ao seu corpo? Qual ou quais você vê com mais frequência no seu dia-a-dia? Qual você desejaria ter?

As discussões foram muito intensas e algumas falas se mostraram bem preconceituosas como: *“Ela tá estragando o corpo dela!”* – se referindo a mulheres muito musculosas, *“Tirando o silicone tá bom!”* – com relação a mulheres com silicone nos seios, *“Tudo tem que ter um limite!”*, *“Parece um esqueleto!”*, *“Ninguém acha isso aí bonito!”* e *“Ali parece um hipopótamo!”*, com relação ao corpo obeso. A presença dessas falas desencadeou conversas sobre cirurgia bariátrica, sobre como se faz a manutenção de corpos muito musculosos com relação aos exercícios e alimentação, o uso de silicone não apenas pelas mulheres em seios e nos glúteos, mas também o uso por homens na panturrilha e peito para aparentarem maior massa muscular. Também notamos uma participação muito grande dos estudantes com deficiência: mesmo que as falas não tenham sido muito elaboradas, foi possível notarmos as preferências e posicionamentos a respeito daqueles corpos. Muitas

vezes eles expressaram apenas as palavras “bonita/bonito” ou “feia/feio”, mas, mesmo assim, expressaram as suas opiniões.

Além das questões relacionadas ao padrão de beleza corporal, as questões raciais também emergiram. Ao apresentar corpos bem parecidos de uma modelo negra e de uma modelo branca, alguns estudantes se referiram à cor da pele como uma característica que não lhes agradava na mulher negra. Esse debate foi muito importante, visto que a maioria dos estudantes do CIEJA se declaram negros ou pardos. A presença de mulheres que afirmavam que aquilo era um posicionamento preconceituoso foi muito bacana de ver. Percebemos que algumas das ações da escola contribuem para o empoderamento dessas pessoas.

Continuando com a reflexão da atividade realizada com as imagens dos corpos, reafirmamos que ninguém tem o direito de falar sobre o corpo do outro, que sempre que queremos nos referir aos colegas devemos chamá-los pelo próprio nome, salvo quando a pessoa solicita ser chamada por algum nome ou apelido que ela ou ele goste.

Ao se aproximar o fim do semestre, estávamos pensando em encaminhar o projeto para o seu final e fizemos uma votação sobre quais foram as atividades que haviam sido mais interessantes e quais eles haviam gostado mais. As atividades de corridas e caminhadas foram as mais votadas. Decidimos retomá-las com desafios maiores, como aumentar o tempo de exercício e o número de voltas. Foi interessante observar que, mais uma vez, os estudantes tentavam superar seus limites. Ao final da aula, eles estavam comparavam suas “performances” no início e no fim do semestre. Mesmo não sendo um objetivo do trabalho, constatamos que se sentiam felizes por terem superado os próprios limites. Com a ajuda dos bolsistas do PIBID, os estudantes com deficiência correram ou caminharam juntamente com o grupo e já apresentavam algumas posturas mais autônomas de forma que conseguíamos realizar as voltas no quarteirão apenas acompanhando-os, sem necessidade de segurar suas mãos.

Por ocasião da avaliação do semestre, as falas dos estudantes nos decepcionaram um pouco. Apesar do trabalho realizado contemplar as necessidades do coletivo, na nossa leitura, ao relatarem o que aprenderam, a maioria das falas se referiam às melhoras físicas e corporais de cada um. Pouco foi dito sobre os conhecimentos veiculados por meio das explicações ou debates. Por outro lado, a participação dos estudantes com deficiência nas aulas foi vista de

forma bem positiva. No nosso entendimento havíamos conseguido realizar uma prática inclusiva, pois todos estavam participando e se sentindo pertencentes ao grupo.

Imaginávamos que o tema estivesse finalizado e após o recesso do meio do ano, faríamos uma nova escolha de práticas corporais para serem estudadas. Porém, ao retornarmos para o segundo semestre e lembrarmos o trabalho com a ginástica, para a nossa surpresa, os estudantes mostraram-se interessados em prosseguir com o tema. Decidimos, então, manter as ginásticas como objeto de estudo. Percebemos que seria um bom momento para ampliar e aprofundar o que fora discutido no primeiro semestre e tentar desestabilizar a representação manifestada durante a avaliação.

A partir desse momento passamos a investir mais em: identificar para que serve cada uma das práticas ginásticas estudadas, onde elas são realizadas, quem são os praticantes de cada uma dessas modalidades, nomear partes do corpo que estão sendo trabalhadas e qual a capacidade física envolvida (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio etc.). Também investimos na proposta de fazer com que os estudantes se sentissem com mais segurança para realizar as atividades nos espaços públicos, como as praças e parques. É importante destacar que durante as aulas reforçamos a valorização desses ambientes para a prática da ginástica, pois no imaginário desses alunos as atividades gratuitas eram ruins, de pouca qualidade, mesmo que eles nunca tivessem frequentado. Após as visitas à praça, alguns alunos relataram que passaram a usar os equipamentos próximos às suas residências, e quando esses espaços tinham aparelhos diferentes daqueles que havíamos usado eles descreviam e perguntavam como poderiam ser usados.

Também foi uma solicitação de todas as turmas que realizássemos mais atividades na praça ou no parque, onde há aparelhos de ginástica. Combinamos que a última aula de cada mês seria nesses espaços, mas até o final do ano, por diversos motivos, só conseguimos ir duas vezes.

Durante o segundo semestre, além de manter algumas das propostas que haviam sido bem avaliadas pelos estudantes, realizamos outro formato de aula de ginástica: o circuito. Experimentamos circuitos aeróbicos, circuitos de equilíbrio, circuitos de força e circuitos mistos.

Nossa primeira vivência com o circuito foi com as atividades de equilíbrio. Essa demanda vinha muito por parte das mulheres mais velhas, mas também era

bem aceitas pelos mais jovens por apresentar algumas atividades mais desafiadoras. A bola de pilates foi um material muito bem recebido pelos estudantes. Os exercícios propostos com essas bolas proporcionavam vivências em grupos e trios, onde os estudantes se ajudavam. Nesse momento, observamos que as questões iniciais da formação de duplas entre homens e mulheres, jovens e idosos e de adultos com as pessoas com deficiência foram superadas. Acreditamos que um pouco dessas mudanças poderia ser fruto das questões que estávamos problematizando durante as aulas e das próprias vivências, além de uma familiaridade maior entre os colegas de turma. Esse formato de realização das atividades se dava por dois motivos: não tínhamos uma bola de pilates para cada estudante, tínhamos 5 bolas no total, e em duplas ou trios proporcionaríamos mais segurança aos participantes, pois os demais os ajudariam na realização da atividade proposta. Muitos alunos questionaram o valor da bola, onde era possível comprá-las, como é a manutenção daquele material e durante esses estudos, dois estudantes compraram a bola para se exercitarem em casa. O trabalho nunca teve o objetivo de fazer com que as pessoas passassem a praticar exercícios em casa, ou passassem a consumir a ginástica, porém entendemos que essa atitude demonstrou que os alunos estavam se sentindo mais seguros para a realização dessas práticas.

Para os educandos usuários de cadeiras de rodas, as atividades de equilíbrio eram realizadas com os membros superiores. Utilizamos bastões e bolas e, em todas as vezes, percebemos que eles se sentiram pertencentes ao grupo e participantes das aulas. Neste momento, aquela nossa primeira ideia de que eles não estariam sendo contemplados pela atividade proposta, já havia sido superada e a cada atividade em que elas participavam da sua própria maneira, nos mostrava que as aulas possuem diferentes significados para cada estudante.

Organizamos as aulas que abordaram os circuitos aeróbicos, com a utilização das escadas de agilidade, cones pequenos e bambolês. Para essa atividade organizamos diferentes formas de se passar por caminhos montados com cada um desses objetos durante um tempo determinado, dois minutos. A cada dois minutos os estudantes trocavam de atividade. Além das questões aeróbicas que foram o objetivo da aula, tentando relembrar as discussões que já havíamos feito sobre esse tema no semestre anterior, muitos estudantes relembraram brincadeiras de infância com esses materiais. Foram lembradas a amarelinha e rodar o bambolê na cintura, nos braços, nos joelhos. Muitos relataram que foram bons praticantes dessas

brincadeiras. Após essas falas, ao final da proposta do circuito aeróbico as brincadeiras com os bambolês foram realizadas. Nesse momento, muitos estudantes com deficiência foram ajudados pelos colegas, e alguns conseguiram realizar os movimentos apresentados. Novamente vimos que a interação entre todos os estudantes das turmas estavam acontecendo sem a necessidade da nossa intervenção.

É importante lembrar que nas discussões realizadas ao final de cada aula, permanecíamos no esforço de tentar trazer para as discussões sobre qual a finalidade daquele tipo de exercício, que são as pessoas que praticam esses exercícios, onde encontramos espaços para a realização dessas atividades fora da escola. De forma a tentar ajudá-los á compreender um pouco mais sobre essas práticas ginásticas.

Quando as propostas de aulas foram os circuitos de força, utilizamos as cadeiras da sala de aula, bastões de madeira, faixas elásticas e o tapete de pilates (substituindo os colchonetes). Alguns estudantes gostavam mais dessas propostas de aulas, principalmente os mais jovens e os homens adultos, pois entre eles era perceptível uma competição para ver quem conseguiria ir melhor. Em uma das propostas dessas aulas, trabalhávamos em duplas e durante um determinado período de tempo um realizava o movimento e o outro contava quantas repetições com o auxílio de um contador manual. Observamos que em algumas duplas para escolher quem ia começar a atividade eles olhavam para ver com quem eles iriam “competir”, quase sempre eles tentavam fazer todos juntos para ao final conseguir ver quem conseguiu fazer mais.

O uso desse novo objeto na aula – o contador manual – gerou uma nova possibilidade de aula. Foi sugerido que utilizássemos esse aparelho para contar as voltas no quarteirão durante uma corrida ou caminhada. Dessa forma, estavam tentando trazer uma prática que gostavam bastante, as corridas e caminhadas. Percebemos que essa proposta estava tentando trazer novamente essa prática para as aulas, mas vemos isso como positivo, como uma mudança naquela postura inicial de apenas aceitar as propostas da professora. Na aula seguinte, nas turmas que tínhamos mais alunos que contadores eles trabalharam em duplas, um iria correr ou caminhar durante dez minutos, enquanto o outro marcava a volta cada vez que ele passasse em frente à escola. Já nas turmas em que tínhamos um contador para cada aluno, cada um era responsável por marcar quantas voltas conseguiu realizar

dentro do tempo estipulado. Novamente os homens e os mais jovens traçaram disputas entre eles. A nosso ver, essa foi uma forma que eles encontraram para que a aula tivesse novos significados para eles. E essas atitudes / competições não estavam atrapalhando o grupo e nem as aulas. Também realizamos aulas com um circuito misto, que alternava exercícios aeróbicos e exercícios de força. Essa experiência foi muito bem avaliada pelos estudantes. Durante essa aula, durante dois minutos eles corriam /caminhavam pelo espaço delimitado e ao ouvir o apito deveriam se juntar ao colega mais próximo e realizar o exercício de força demonstrado pela professora. Não sabemos dizer se foi o uso do apito, ou a proposta da aula, mas foi uma aula muito animada. Os estudantes sorriam, e procuravam realizar as atividades com o máximo de plasticidade. Pela primeira notamos uma aula tão animada e que ao seu final os estudantes saíram cansados e sorridentes. Temos total convicção que a função da aula de Educação Física não é recrear e divertir os alunos, mas sim ajudá-los a compreender as práticas corporais presentes em nossa sociedade, mas diante do ocorrido, foi muito bom ver que pessoas que nos relatam histórias de vida tão difíceis no seu cotidiano, por um momento se sentiram mais leves e felizes. Questionamos: será que foi o uso do apito que gerou esse clima? O apito não é utilizado nas aulas, e talvez o uso desse objeto tenha trazido a impressão da realização de algum esporte, quem sabe...

Com a aproximação do final do semestre e pensando em sistematizar os conhecimentos construídos durante aquele ano nas aulas de Educação Física, propusemos um registro com imagens das ginásticas estudadas, o qual solicitava que os educandos colocassem o nome da ginástica representada ou qual era a sua finalidade. É importante lembrar que são estudantes das etapas de alfabetização, e que muitos se envergonham por não dominar a leitura e a escrita. Por esse motivo, a organização do registro contou com a utilização de um banco de palavras, além do auxílio dos bolsistas e da professora alfabetizadora, pois muitas vezes o educando identificava a ginástica ali representada, mas não sabia escrever a palavra correspondente. Após a realização da atividade e da revisão, constatamos que os estudantes se sentiram bem ao receberem uma folha repleta de “acertos”, o que não lhes é comum devido a suas trajetórias de fracasso escolar. Os alunos com deficiência contaram com o auxílio das bolsistas do PIBID para a escrita, onde não era necessário a escrita do nome técnico ou correto, apenas o que lembravam. Interessante destacar que mesmo alunos que aparentavam ter muita dificuldade

reconheceram os exercícios, mostrando assim que se apropriaram dos conteúdos de maneira pessoal.

Já na última ação didática e em decorrência da chuva, tivemos que realizar as atividades na sala de aula. Iniciamos com os alunos realizando um alongamento, propusemos que cada aluno relembresse e apresentasse um movimento, mas nem todos conseguiram. Em seguida, utilizando as cadeiras da sala realizamos uma atividade de relaxamento com música na qual os alunos, em duplas, fizeram massagens com as mãos e com bolinhas de tênis, rodiziando as duplas e a cada rotação alternando-se a massagem. Ao finalizar a atividade falamos sobre as diferentes sensações geradas pelos diferentes tipos de massagens que recebemos. Alguns estudantes afirmaram que ficaram surpresos com as massagens feitas por alguns alunos com deficiência, afirmaram que haviam superados as suas expectativas. Essas falas nos mostram novamente como as pessoas com deficiência são representadas na nossa sociedade, quase sempre como o que não sabe ou o que não conhece ou o que não consegue. E para finalizar, conversamos com os alunos sobre o que foi feito no decorrer do ano nas aulas de Educação Física e as impressões que eles tiveram sobre as aulas ao longo do ano. Alguns desses depoimentos sobre as impressões e as propostas para o ano de 2016 foram filmadas com o consentimento dos estudantes.

Apesar do relato até agora ter apresentado o que de positivo aconteceu, nem tudo foi assim. Em certas ocasiões, alguns jovens se recusavam a participar das aulas enquanto outros participavam contrariados. Fizemos a leitura de que eles quase sempre eram minoria no grupo, pois são poucos os que não passaram pela etapa de alfabetização. Além disso, eles apresentam mais dificuldades para enfrentar a questão intergeracional, pois os mais velhos quase sempre os tratam de forma paternalista, o que lhes traz constrangimento. Também não se sentem à vontade para realizar as atividades na rua, à vista de todos. Outro dado que percebemos é que em turmas com muitos estudantes com deficiência, os mais jovens não gostam de participar das aulas, pois receiam que as pessoas na rua os vejam fazendo aula com o grupo e os classifiquem como pessoa com deficiência. Esse dado, além de nos apresentar um pouco das inseguranças que esses jovens apresentam, nos mostra também o quanto a pessoa com deficiência é mal vista pela sociedade, a ponto das demais temerem ser confundidas com elas.

Também chegamos à conclusão que poderíamos ter feito os testes realizados no início do ano, pois mesmo não sendo um dos objetivos propostos inicialmente, os estudantes estavam atentos a essas questões e já haviam sinalizado isso com relação às atividades de caminhada, por exemplo, em que identificavam os próprios avanços. Acreditamos que perdemos uma boa oportunidade de mostrar-lhes a função daquela avaliação de fato, porém, quando percebemos essa questão, já não havia mais tempo.

Ao finalizarmos as aulas, realizamos uma conversa a respeito do que havia sido a Educação Física durante o ano de 2015. Surpreendentemente, os comentários foram distintos daqueles coletados no mês de junho. De maneira geral, os estudantes romperam com as avaliações superficiais, em que afirmavam que as aulas tinham sido boas e importantes porque tinham proporcionado alguma melhora física/corporal. Em vez disso, identificaram as funções de cada uma das práticas estudadas, relacionaram as atividades das aulas com o seu cotidiano, lembraram falas realizadas durante as aulas, se remeteram às ações de desconstrução dos preconceitos em relação aos corpos dos colegas, nomearam os equipamentos, reconheceram alguns músculos, entre outras aprendizagens. Algumas falas ainda se restringiram às melhoras físicas e corporais individuais, mas fizemos uma leitura de que isso também é positivo, pois muitos desses estudantes tiveram as suas primeiras experiências com as práticas ginásticas, e todas essas mudanças e melhorias são ganhos importantes. Ademais, se eles avaliam isso como um ponto positivo da aula, então é importante que façamos esses registros.

Tentando encontrar uma explicação para a mudança ocorrida, para o que teria feito com que os estudantes passassem a olhar para as práticas ginásticas desse modo muito mais aprofundado, pensamos ter encontrado a resposta na estratégia utilizada. Isto é, ter investido em apresentarmos no início da aula o que seria feito, explicando o que era, para que servia e recuperando os conhecimentos trabalhados nas aulas passadas. Da mesma maneira, a conversa no final das aulas para repassar e discutir o que havíamos feito, sem esquecer a ênfase dada às relações entre as atividades desenvolvidas e o cotidiano dos estudantes. Percebemos o quanto o diálogo foi importante, pois em todos os momentos, nunca nos colocamos como os responsáveis pelo conhecimento, mas sim como sujeitos que estavam aprendendo conjuntamente, valorizando todas as falas que surgiam no contexto das aulas.

Por último, saímos com um encaminhamento para o ano de 2016: os estudantes solicitaram que as aulas passem a acontecer duas vezes por semana. O pedido está amparado em dois argumentos: sendo uma vez apenas, o distanciamento entre as aulas interrompe o processo, principalmente quando há algum feriado ou alguma outra atividade da escola que inviabiliza uma aula – desse modo o período entre as aulas de Educação Física se torna muito grande; e a valoração crescentemente positiva que o grupo de estudantes está atribuindo às propostas dessas aulas. Essa solicitação nos surpreendeu, e nos faz investir um pouco mais em algumas disputas a respeito da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Será que a Educação Física na EJA tem um papel tão secundário que a idade acima de 30 anos, o trabalho diário de mais de seis horas ou filhos devam ser aceitos como motivos para dispensar os alunos desse componente curricular? A legislação que garante esse tal “direito” a esses alunos está alicerçada em qual proposta de Educação Física? Por que não colocar esse componente curricular dentro do período de aula e não no contraturno dos estudantes? Quando os estudantes serão ouvidos para essa tomada de decisão?

Penso que nós do CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano já demos esse primeiro passo na busca de ouvirmos esses estudantes e atendermos os seus anseios e necessidades. Precisamos que outras escolas participem dessa caminhada.